



## Marantz UD9004

### A universalidade global.

Por definição, um leitor universal deve ser um equipamento cujo nível de desempenho seja igualmente bom para todos os tipos de formatos que aceita, o que significa, se for mesmo universal, tudo, desde o CD Audio, ao DVD Audio, ao Blu-ray, ao HD DVD, e assim por diante. Pois o UD9004 vai ter que ir algo mais à frente em alguns dos parâmetros que têm a ver com o desempenho, uma vez que vem aureolado com o título de um dos melhores leitores do mundo. O preço está a condizer (um pouco acima dos 6500 euros), por isso não podemos esperar menos que um comportamento acima de qualquer suspeita por parte desta notável proposta da Marantz.

Se, do ponto de vista do áudio, poucas dúvidas restam de que quem tem um nome como o de Ken Ishiwata como embaixador da marca não terá dificuldades em colocar no terreno reproduções memoráveis de originais de áudio, já no campo do vídeo, isto apesar dos excelentes projectores em tempos comercializados pela Marantz, não associamos normalmente esta marca aos melhores produtos desta área. Mas tudo muda de feição quando nos recordamos de que a Marantz pertence desde há uns anos ao grupo D&M Holdings, o qual junta sob o

mesmo chapéu, entre outras marcas, a Denon e a Marantz. E se há coisa que a Denon tem feito nos últimos tempos é lançar leitores de Blu-ray que, quase constantemente, são aclamados pela crítica e pelos consumidores. Nada mais natural que exista transferência de conhecimentos em ambos os sentidos, por isso seguramente que o UD9004 recebeu *input* suficiente de outras origens no que se refere ao processamento de vídeo, talvez mais do que se poderia pensar à primeira vista. Mas sobre isso falarei daqui a pouco.

E o que temos aqui em absoluto? «Apenas» o leitor universal mais completo que existe no mercado, mas com um *pedigree* que pede meças a que possamos de algum modo considerar o seu preço exagerado (que dizer então do Goldmund Eidos, a cerca de 100.000 euros?). Como dizia a anedota antiga: o preço não é alto, nós é que estamos ganhando pouco e, a julgar pelo andar da carruagem, cada vez ganharemos menos. Mas a qualidade sempre teve um preço, desde tempos imemoriais. No caso do UD9004, diria melhor ainda: há níveis de qualidade a que é difícil atribuir um preço.



### Descrição técnica

O Marantz UD9004 é um verdadeiro couraçado de batalha, não só devido ao seu volume e peso imponentes, como no que se refere à estrutura interna. Mas começando pelo que temos do lado de fora, os controlos frontais visíveis permitem o acesso às normais funções de leitura, encontrando-se mais algumas teclas de controlo por detrás de uma aba rebatível, as quais dão acesso a algumas situações especiais, tais como o ajuste da resolução de vídeo e dos modos de funcionamento das duas saídas HDMI, o modo Pure Direct para áudio, o modo de reprodução/número de canais (novamente em áudio), a selecção entre a camada CD ou SACD num disco híbrido e, no final, a ranhura para cartões de memória SD.

Em termos de traseira nem me vou arriscar a descrever a imensa panóplia de ligações – limitar-me-ei a destacar algumas situações especiais, tais como as duas saídas HDMI, que podem ser programadas para fornecer qualquer combinação em termos de sinais de áudio e vídeo, embora de origem uma delas esteja destinada ao áudio e a outra ao vídeo, as saídas balanceadas XLR para áudio, as saídas de áudio analógico descodificado a até 7.1, e a ligação Ethernet para acesso a conteúdos Web (BD Live) ou para eventuais *upgrades* de *firmware*.

Em termos estruturais, a construção interna deste imponente leitor é algo de notável: chassis cobreado, transformador toroidal igualmente revestido com uma chapa cobreada, construção tripla a partir de zinco moldado, pés de metal torneados, estrutura do mecanismo de transporte em alumínio fundido, que mais se poderia querer?

No que se refere à electrónica utilizada, distribuída por um total de quatro circuitos impressos, pois podemos destacar os conversores AKM AK4399, de 192 kHz/32 bit em todos os canais, o processamento de vídeo digital por conta do *chipset* HQV, com uma profundidade de cor de 36 bit e uma resolução de 10 bit, complementado pelos conversores I/P e processadores ABT2010 e ABT1012 para as saídas analógicas, as quais por sua vez estão equipadas com conversores Analog Devices (ADV7344 para a saída por componentes, ADV734 para as saídas S-Video e vídeo composto), módulos HDAM-SA2 e HDAM nas saídas analógicas, processador de áudio Analog Devices SHARC, com 32 bit de resolução. Quem quiser saber mais em termos dos circuitos de processamento de vídeo poderá ler o meu teste do Denon DVD-A1U, publicado na *Audio & Cinema em Casa* n.º 219, uma vez que os circuitos de processamento de vídeo dos dois equipamentos são muito semelhantes.

Para os que gostam das descrições exaustivas, aqui fica a lista de todos os discos que o UD9004 consegue reproduzir: SACD (estéreo/multicanal), BD-Video/-ROM/-RE/BD-R, DVD-Audio/-Video/-R/-RW DL/-RW/+R/-R DL/+RW, CD-R/-RW e MP3/WMA/DivX. Só falta o HD DVD, mas esse, por um lado, não podia constar depois da vitória do Blu-ray e, por outro lado, é evidente que está morto, por isso quem quiser ler os discos que porventura tenha e não tenha comprado um leitor de HD DVD tem que se contentar com as poucas *drives* de computador que aceitam os dois formatos. Em termos de leitura de Blu-ray, é claro que é compatível com os últimos *standards* do BD-Live e do Bonus View.

### Ensaio prático

Não é de ânimo leve que se começa o teste de um equipamento deste gabarito. Mesmo tendo em conta que já tinha testado o DVD-A1U, aquele que poderá ser o seu mais directo competidor, ou talvez por isso mesmo, não deixava de ser um desafio ver até que ponto este topo-de-gama vivia para além dos seus pergaminhos.

Foi por isso mesmo que o UD9004 ingressou logo directamente no nosso sistema de referência: processador Tag McLaren AV192R, amplificador Krell KAV-1500, colunas B&W 802 na frente, B&W HTM2 no centro e 805 na traseira, em configuração 5.1, complementadas pelas Kef XQ20 para os efeitos laterais, amplificadas pelo Proceed Amp 2. A cablagem das colunas frontais é toda Kimber Select KS 3035, com o Wireworld Atlantis a levar o sinal às colunas traseiras e laterais, e novamente os Kimber 1021 (balanceados) a assegurar o transporte dos sete canais. O *subwoofer* é o REL Strata. No campo do vídeo, um comutador HDMI Oppo de três vias assegura que o sinal correcto de vídeo é aplicado a um projector Sony VPL-VW100, sendo a imagem projectada num ecrã Draper Premier. Um regenerador de sector PS Audio P600 garante uma tensão de alimentação o mais perfeita possível para as fontes (neste caso o UD9004) e o processador Tag McLaren.

Comecei pelo vídeo, com os habituais ajustes a partir do DVD Essentials e do disco de Peter Finzel, uma vez que o HD Basics apenas existe na versão para a região A e, embora o tenha um comigo, não o podia utilizar no 9004, uma vez que os senhores da Blu-ray Association continuam a achar



muito importante implementar os códigos regionais nos leitores, embora, felizmente, a maioria das editoras não o faça. Quando é que esta mentalidade retrógrada muda de vez? Que sentido faz evitar que um disco comprado nos Estados Unidos, ou seja, minha propriedade, seja reproduzido na Europa ou onde quer que eu, a pessoa que aplicou o seu dinheiro nesse disco, me apeteça ver? Ridículo, para dizer o mínimo.

Mas, pior ainda, considerem a seguinte situação: quando me desloquei recentemente aos Estados Unidos para a visita a Francis Ford Coppola, foi-me oferecido um Blu-ray do seu último filme, *Tetro*. Como eu já esperava, não o consigo ver em Portugal, a não ser em computador, e mesmo assim só posso mudar a região da *drive* de leitura por cinco vezes. Claro que há maneiras (pouco «legais») de dar a volta a esta situação, mas porquê criá-la desde início? Vamos ter seguramente que esperar alguns anos até esta situação mudar, como aconteceu com o DVD. Hoje em dia já ninguém fala em regiões nos leitores de DVD, porque na maioria dos casos eles são

fornecidos com região livre, ou seja, a DVD.org finge que não se passa nada e os fabricantes «esquecem-se» de codificar os leitores. É algo hipócrita, mas parece que há quem prefira fingir que não vê a olhar para as coisas de frente.

Continuemos, que estes comentários para pouco mais servem do que como desabaços. Pois dizia eu que afinei a qualidade de imagem do UD9004 com os discos de teste que normalmente uso e segui a recomendação, que já tinha visto nalguns sítios, de ajustar o parâmetro High Brightness para -1, ficando o final com uma imagem fluida, de cores muito equilibradas e com um impressionante nível de negro. Claro que tinha que tornar a ver a edição especial de *Blade Runner*, um filme que não me canso de gabar pela impecável qualidade com que foi transcrito para Blu-ray este Director's Cut. Quase que poderemos dizer que a alta definição do Blu-ray acaba por mostrar as limitações da qualidade original da película fotográfica, mas há cenas que são paradigmáticas, como a da primeira entrevista da andróide,

a cena de abertura e várias outras, que serviram como demonstração ampla das capacidades do 9004 em reproduzir de maneira impecável o ambiente *art déco* que Ridley Scott quis imprimir a uma boa parte do filme. Para além dos negros profundos e das cores intensas, destaco o impecável trabalho de processamento de movimento, que faz com que a referida cena de abertura, em que a câmara se aproxima mais e mais do edifício piramidal, passe perante nós com uma fluidez e uma naturalidade que pede meças a uma boa sala de cinema. A profundidade quase infinita que se consegue encontrar num bom original Blu-ray é-nos revelada de modo quase absoluto pelo Marantz UD9004.

Mas tenho que mencionar já aqui a qualidade sonora do leitor da Marantz, que é nada menos que impressionante, não necessariamente por produzir efeitos pirotécnicos, mas sim pela sua naturalidade e pelo impressionante poder dos sons reproduzidos. Então em pistas sonoras HD, mesmo quando *downsampled* para a saída digital coaxial, seguramente este é o melhor



reprodutor que já encontrei. E isto quase desde os primeiros momentos de audição!

Já agora, convém igualmente esclarecer aqui um ou dois detalhes dos ajustes de som do UD9004 que nem todos poderão captar, até porque não estão assim tão bem explicados no manual, e são fundamentais para obter a melhor qualidade possível em áudio. Como muitos dos leitores da *Audio & Cinema em Casa* seguramente sabem, não é possível fazer sair áudio digital no formato SACD original (DSD) a não ser em situações muito especiais, tal como no caso do Denon Link ou ainda dos leitores e *receivers* da Sony, para apenas citar dois exemplos (também não há assim tantos). Portanto, a melhor qualidade de áudio proveniente de um disco SACD é obtida quando o áudio sai pelas saídas analógicas do 9004. Na saída HDMI o fluxo SACD é convertido para PCM e *downsampled* para 48 kHz, a não ser que esteja ligada ao conversor exterior apropriado. Por outro lado, para se ter controlo absoluto sobre as saídas analógicas

multicanal, incluindo Bass Management, tem que se aceder ao menu HDMI Setup-Audio Setup e escolher Mute. Feito isto, todas as opções de ajuste de nível do canal e distância às colunas ficam então acessíveis. No meu caso não usei permanentemente estas facilidades, uma vez que deixei os detalhes por conta do AV-192R sempre que utilizava a saída de áudio digital do UD9004. Mas tornaram-se bem úteis quando quis fazer uso pleno das capacidades de descodificação de áudio HD do leitor de Blu-ray e tive então que fazer a configuração das colunas e definir as frequências de *crossover*.

Tentado pela descrição que Paul Miller fez da escuta do *Dark Side of the Moon*, dos Pink Floyd, com este mesmo leitor, não podia fazer menos que experimentar o mesmo, e fiquei «pasmado» com aquilo que o Marantz retirou do original SACD deste maravilhoso trabalho. Usando as suas palavras, a faixa *Time* consegue quase retirar todo o sumo das 802 e levá-las no

ar, «acordando-as» com o despertar de todos os relógios, numa manifestação de energia pura. Quem disse que o SACD não tem energia que dê o primeiro passo.

Leonard Cohen é um cantor que sempre apreciei mas que, nos tempos em que ele estava no seu auge, cá deste lado não havia dinheiro para comprar discos, por isso ficaram fundamentalmente muitas e boas memórias. Recentemente comprei o disco *Dear Heather* e pude deliciar-me no Marantz com a audição de algumas das faixas da minha predileção, tais como *The Letters* e *Morning Glory*. Leonard tem, em meu entender, uma das vozes mais impressionantes que conheço, com uma profundidade por vezes quase telúrica e ressonâncias que podem torná-la demasiado presente e pesada se o leitor não estiver à altura. A combinação desta notável voz com a clareza cristalina dos instrumentos de acompanhamento fez-me lembrar muitos dos velhos tempos em que comecei a ouvir música a sério, e só posso sentir-me grato por o UD9004 me ter trazido todos estes inolvidáveis momentos de volta.

#### Conclusão

Temos aqui o verdadeiro leitor universal topo-de-gama: o vídeo está acima de qualquer suspeita, com uma fluidez de imagem cinematográfica, umas cores impressionantes de rigor e luminosidade e uma qualidade de som que pede meças a muitos grandes leitores de CD e SACD, podendo eu mesmo dizer que está ao nível do Sony XA5400 que o António Flório testou aqui há uns tempos e que eu consegui colocar lado a lado com ele. No que se refere a descodificação de áudio HD não conheço nada melhor. A Marantz pôs aqui em prática os conhecimentos adquiridos com o desenvolvimento de leitores de CD/SACD de topo de gama, por isso a qualidade do áudio não é surpresa nenhuma. Aliás, comparando o DVD-A1U com o Marantz UD9004, diria que no vídeo não consegui detectar nenhuma diferença. Mas no áudio, como leitor independente, o Marantz tem uma pequena vantagem. Caso utilize o Denon Link, então essa vantagem desaparece, por isso façam a vossa escolha em consciência. Nenhum deles vos irá desiludir.

**Preço:** 6500 €

**Representante:** Videoacústica

**Telefone:** 21 424 17 70

**Web:** [www.videoacustica.pt](http://www.videoacustica.pt)